

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 11 2003



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2003

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 11 • 2003 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Palma, Artes Gráficas, Lda. - Tel. 244 447 120 - Mira de Aire
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

NÓTULA SOBRE MATERIAIS ROMANOS PROVENIENTES DO RIO TEJO (OEIRAS)

A. M. Dias Diogo¹ & João Pedro Cardoso¹

1 - INTRODUÇÃO

No âmbito do estudo sistemático dos achados romanos encontrados em águas portuguesas, que efectuamos para o Inventário Nacional do Património Subaquático, publicamos aqui materiais provenientes de achados fortuitos na barra do Tejo, em depósito no Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática.

Por informação do Sr. Ricardo Santos, tivemos conhecimento que o denário de Antonino Pio ora estudado foi recolhido em altura imprecisa, por um mergulhador amador (que apenas conhecemos pelo nome de Sr. Mateus), utilizando escafandro autónomo, a norte do areal do Bugio e a 40° W do enfiamento da fortaleza com o farol da Cruz Quebrada (Fig. 2). O fundo, a cerca de 18 m de profundidade, é de cascalho. Ainda segundo o mesmo informador, o Sr. Mateus recolheu também no mesmo sítio duas moedas de cobre portuguesas datadas de 1823 (N° CA/CNANS 5391.01.0002 e 3) e teria avistado um casco em madeira que não é possível relacionar com qualquer dos achados recolhidos.

O fragmento de ânfora que também será objecto de estudo foi encontrado, também em altura imprecisa, durante a faina da pesca de arrasto, junto à margem norte do Tejo, entre Paço de Arcos e Oeiras. Foi entregue pelo pescador a Filipe Castro, em Julho de 1997.

2 - COMENTÁRIO

O denário de Antonino Pio (Fig. 3) foi cunhado em 158-159 d.C. (**TR P XXII**), propagandeando o restauro do templo de Augusto e Livia e, deste modo, a ordem imperial. O seu estado de conservação não nos permite saber o número total de figuras representadas no reverso, para além das de Augusto e Livia.

¹ Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática. Avenida da Índia, 136. 1350 LISBOA.

Segundo Rui Centeno, no Noroeste da Hispânia e para o período compreendido entre os reinados de Nerva e Cómodo (96-192), das 197 moedas provenientes de achados avulsos, 37 (18,78 %) são de Antonino Pio, sendo apenas uma um denário (CENTENO, 1987, p. 276). Nas escavações de São Cucufate, apenas uma moeda de Antonino Pio, um sestércio, foi encontrada entre as 230 provenientes de achados avulsos (ALARCÃO, ÉTIENNE e MAYET, 1990, p. 197).

Os achados avulsos de denários de Antonino Pio não são comuns no nosso território. A moeda agora estudada poderá ter sido encontrada próximo do seu local original de depósito, podendo não ter sido arrastada pelas correntes, dado o seu peso e dimensões, e o facto de se encontrar num fundo de cascalho abundante. Neste caso, pode-se colocar a hipótese da moeda e do casco de madeira estarem associados e estarmos em presença de destroços romanos de cronologia posterior a 158 d. C., questão que apenas poderá ser resolvida com a pesquisa no local. As marés e a dinâmica dos assoreamentos da barra do Tejo junto ao areal de S. Lourenço da Cabeça Seca (Bugio), tornavam perigosa a navegação à vela nesta zona (BOIÇA, 2000, p. 13-14).

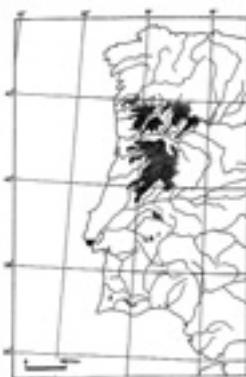


Fig. 1 - Mapa de localização genérica dos achados.

Para além de ter sido recuperado através da pesca de arrasto, sem localização precisa, o fragmento de ânfora aqui estudado encontra-se muito rolado nas fracturas e em ambas as superfícies, o que indicia um depósito instável no leito do Tejo.

A sua pasta é de fabrico lusitano e a sua forma aparenta estar próxima da das ânforas de tipo Lusitana 2 ou 12. No entanto, e embora falte o topo da boca ao fragmento, o que permitiria orientá-lo com maior segurança e ultrapassar a mera estimativa para os diâmetros do seu lábio e colo, o facto é que as dimensões e proporções entre os seus atributos o afastam dos tipos acima referidos (DIOGO, 1987; DIOGO e TRINDADE, 1998, p. 202-204).

Este fragmento tem paralelo em outros dois, que conservam a totalidade dos atributos da boca, colo e asas, encontrados no leito do Tejo, em Porto Sabugueiro, no concelho de Salvaterra de Magos. Um deles está ainda inédito, fazendo parte de um conjunto de materiais cerâmicos que temos em estudo, o outro foi

já publicado por Guilherme Cardoso, que o classifica como Dressel 7-11, situando-se entre os tipos Haltern 70 e Dressel 10 e cujo desenho reproduzimos na Fig. 4, 2 (CARDOSO, 1990, p. 156).

Desconhecendo o produto que transportava e à falta de exemplares completos, que nos permitam modular o tipo, preferimos aqui integrá-lo provisoriamente nas ânforas Beltrán I, dado tratar-se de uma tipologia de ânforas hispânicas. Datamo-la do século I d. C., por simples comparação formal.



Fig. 2 - Localização do achado da moeda na *Carta Militar*. Escala 1/50.000. Folha 34 - III.

3 - CATÁLOGO

- Denário de prata, rolado, de Antonino Pio.

Anverso: No campo, cabeça do imperador laureada à direita, com a legenda: [ANT]ONINVS AVG(ustus) PIVS P(ater) P(atriae)

Reverso: No campo, templo com oito colunas (figuras de Augusto e Livia ao centro), com a legenda: TEMPLVM DIV(i) AVG(usti) REST(itutum). A exergo: CO(n)S(ul) IIII (Quatrum)

Metrologia: 2,9 g.; 16 mm.; 12 h.

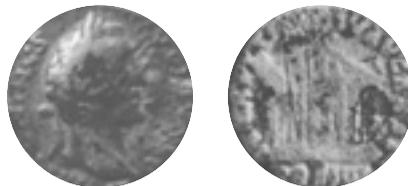


Fig. 3 - Denário de Antonino Pio.

- Fragmento muito rolado de boca, colo e bojo, com asa, de ânfora de tipo Beltrán I, de fabrico lusitano. Lábio de fita muito saliente. Colo curto, largo e ligeiramente côncavo. Asa curta, gamiforme, de secção em fita larga, com uma pequena canelura na face superior, arrancando do topo do colo e da aresta do lábio.

Pasta rosa-alaranjada, com largo cerne acinzentado, dura, com abundantes minúsculos grãos de quartzo e raros pequenos nódulos ferrosos. Superfície externa rosa-alaranjada, manchada.

Diâmetro do lábio na base: est. 19,6 cm. Diâmetro do colo: est. 13,8 cm. Altura do colo: 15,6 cm. Largura da asa: 5,6 cm. Espessura da asa: 2,2 cm.

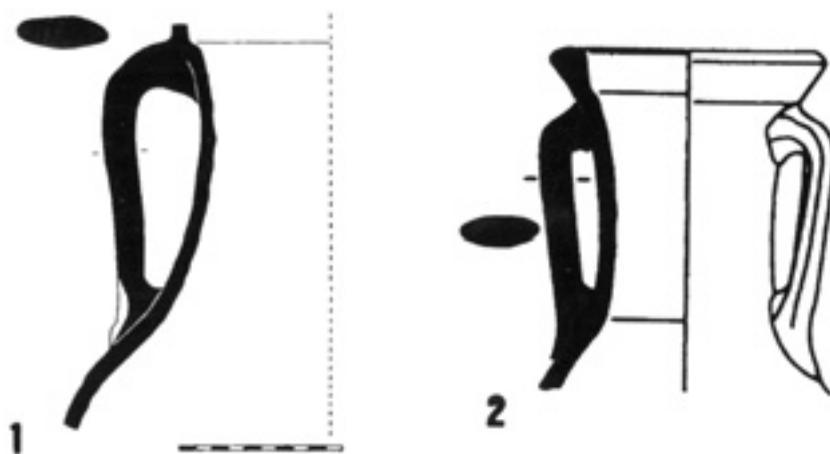


Fig. 4 - Fragmento de ânfora da margem de Oeiras (1) e fragmento superior de ânfora do Porto Sabugueiro, (2). Escala em cm.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R. & MAYET, F. (1990) – *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris. E. de Boccard.

BELTRÁN LLORIS, Miguel (1970) – *Las Ânforas Romanas en España*. Zaragoza. Institución “Fernando el Católico”.

BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira (2000) – *A Barra do Tejo. O Eixo São Julião/ Bugio. Navegabilidade, Defesa e Alumramento*. Oeiras. C. M. de Oeiras.

CARDOSO, Guilherme (1990) – O forno de ânforas de Muge. *As Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio*. Conímbriga. Museu Monográfico de Conímbriga, p. 153-165.

CENTENO, Rui M. S. (1987) – *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto. Sociedade Portuguesa de Numismática.

DIOGO, A. M. Dias (1987) – *Ensaio Sobre a Modulação e Tipificação das Ânforas de Fabricos Lusitanos*. Lisboa. Univ. Nova de Lisboa (Policopiado).

DIOGO, A. M. Dias & TRINDADE, Laura (1998) – Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas. Contribuição para o estudo da produção e circulação das ânforas romanas em território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16, p. 187-220.

MATTINGLY, Harold (1976) – *Coins of the Roman Empire in the British Museum. Volume IV. Antoninus Pius to Commodus*. London. British Museum Publications Ltd.